

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Natacha Mazzucco

**Opressão e silenciamento: uma análise do poder disciplinar na
obra *O Conto da Aia* sob a perspectiva do *Vigiar e Punir***

Taubaté - SP

2019

SIBi - Sistema integrado de Bibliotecas – UNITAU

M478o Mazzucco, Natacha

Opressão e silenciamento: uma análise do poder disciplinar na obra O conto da aia sob a perspectiva do Vigiar e Punir / Natacha Mazzucco. -- 2019.

34 f. : il.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté, Departamento de Ciências Sociais e Letras.

Orientação: Profa. Ma. Andréia Alda de Oliveira Ferreira Valério, Departamento de Ciências Sociais e Letras.

1. Linguagem. 2. Silenciamento. 3. Distopia. 4. Vigiar e Punir.
I.Título

CDD – 801.953

Natacha Mazzucco

Opressão e silenciamento: uma análise do poder disciplinar na obra *O Conto da Aia* sob a perspectiva do *Vigiar e Punir*

Trabalho de Graduação apresentado à Universidade de Taubaté, Departamento de Ciências Sociais e Letras, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras – Português, Inglês e suas respectivas literaturas.

Orientadora: Profa. Ma. Andréia Alda de Oliveira Ferreira Valério

Taubaté – SP

2019

Natacha Mazzucco

Opressão e silenciamento: uma análise do poder disciplinar na obra *O Conto da Aia* sob a perspectiva do *Vigiar e Punir*

Trabalho de Graduação apresentado à Universidade de Taubaté, Departamento de Ciências Sociais e Letras, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras – Português, Inglês e suas respectivas literaturas.

Orientadora: Profa. Ma. Andréia Alda de Oliveira Ferreira Valério

Data: ____ / ____ / ____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Professora Ma. Andreia Alda de Oliveira Ferreira Valério

Assinatura: _____

Professora Dra. Maria do Carmo Souza de Almeida

Assinatura: _____

Professora Dra. Márcia Maria Dias Reis Pacheco

Assinatura: _____

Dedico esse trabalho aos meus melhores amigos, os meus pais e ao meu irmão, que eu gostaria que estivesse presente.

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, Andréia Alda, que desde a primeira aula, no primeiro semestre, me surpreendeu com seu jeito de pensar a Língua Inglesa e que também me apresentou seu olhar sensível e humano, que tanto admiro, para com a educação.

A todos os brilhantes professores que eu tive o prazer de conhecer e que contribuíram para a minha formação no decorrer do curso.

As professoras Maria do Carmo e Márcia Maria Pacheco, que aceitaram gentilmente o convite para participarem da banca examinadora e com quem pude aprender tanto – e de forma tão prazerosa, ainda que o tempo tenha sido pequeno perto da imensidão de seus saberes.

A minha querida amiga, Brisa Palma, que tive o privilégio de conhecer em seu último semestre e que, pacientemente, me ajudou tanto ao longo do curso e, em especial, nas muitas trocas significativas para a conclusão desse trabalho.

As minhas companheiras das noites no Departamento de Ciências Sociais e Letras, Letícia Oliveira e Rafaela Moyses, com as quais eu pude compartilhar muitos momentos especiais e aprender com as nossas diferenças.

Ao meu amigo e também companheiro de vida, Erick Breno, que muitas vezes acreditou em mim mais do que eu mesma.

A minha amiga e irmã do coração, Barbara Sponton, que diariamente me enviava mensagens de ânimo para a realização desse trabalho.

Aos meus pais, João Luís e Andrea, meus companheiros fiéis, com quem compartilhei o período do curso com mais intensidade e de quem eu recebi todos os auxílios que eram necessários.

Um rato num labirinto está livre para ir a qualquer lugar, desde que permaneça dentro do labirinto.

Margaret Atwood

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar a construção e o desenvolvimento das relações de poder presentes no romance distópico O conto da Aia, da escritora canadense Margaret Atwood, sob a perspectiva do estudo monumental do filósofo Michel Foucault, a fim de evidenciar que é por meio da disciplina que as relações de poder se estabelecem e se identificam entre o comando e o comandado, o opressor e o oprimido. Para introduzir a análise da obra, será apresentado no primeiro capítulo uma breve biografia da escritora, o movimento que acarretou o sucesso da obra, o resumo da obra e o conceito de distopia para compreender porque se trata de um romance distópico. No segundo capítulo foi apresentado o conceito de língua e linguagem e o estudo de Michel Foucault na obra Vigiar e Punir, visando elucidar os principais elementos do poder disciplinar, que são possíveis também de serem constatados no romance analisado. No terceiro e último capítulo foi apresentada uma breve concepção do silenciamento que é resultado do poder disciplinar. A análise do romance foi sendo composta ao longo dos capítulos de fundamentação teórica para que as correlações fossem explicitadas e exemplificadas no decorrer do trabalho. Por fim, são apresentadas as considerações finais.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem. Silenciamento. Distopia. Poder disciplinar. Vigiar e Punir. O Conto da Aia.

ABSTRACT

This research aims to analyze the construction and development of power relations in the dystopian novel *The Handmaid's Tale*, written by Margaret Atwood, from the perspective of the monumental study by the philosopher Michel Foucault, with the purpose to show that it is through discipline that power relations are established and identified between the command and the commanded, the oppressor and the oppressed. To introduce the analysis, it was presented in the first chapter a brief biography of the author, the movement that led to the success of the book, the book summary and the concept of dystopia to better understand why the book is considered a dystopian novel. In the second chapter it was presented the concept of language and the study of Michael Foucault in the book *Discipline and Punish*, with the goal to elucidate the main elements of disciplinary power, which are also possible to be verified in the book that this paper intends to analyze. The third chapter brings a brief concept of silencing which is the result of disciplinary power. To accomplish that the novel analysis was introduced between the theoretical foundation so that the correlations were explicit and exemplified throughout this research. Finally, the final considerations regarding this work are presented.

KEY WORD: Language. Silencing. Dystopia. Disciplinary Power. *Discipline and Punish*. *The Handmaid's Tale*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A escritora: Margaret Atwood.....	12
1.1 Biografia de Margaret Atwood	122
1.2 O sucesso da obra: <i>O conto da aia</i>	133
1.2.1 Resumo da obra: <i>O conto da aia</i>	144
1.3 O romance distópico	19
2. A linguagem do poder disciplinar: Michel Foucault.....	20
2.1 Linguagem	20
2.2 Poder disciplinar: Vigiar e punir	22
3. O silenciamento	28
3.1 O silenciamento no poder disciplinar.....	28
4. Metodologia	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS.....	33
ANEXO A	34

INTRODUÇÃO

Durante toda a história da humanidade existiu uma busca incessante pelo poder, principalmente com as constantes movimentações de governos totalitários e seus apoiadores. Como consequência, modelos para o alcance e para a manutenção desse poder foram criados e estudados, como por exemplo, pelo filósofo francês Michel Foucault em sua obra *Vigiar e Punir*, originalmente publicada em 1975. Dessa forma, o presente trabalho de natureza bibliográfica se insere na área de análise de Literatura Inglesa, tendo como tema a presença do poder disciplinar na obra *O Conto da Aia*, originalmente publicada em 1985 pela escritora canadense Margaret Atwood.

O objetivo desse trabalho é analisar a construção e o desenvolvimento do poder disciplinar no romance distópico *O Conto da Aia*, elucidando elementos da obra em questão que conversem com o estudo realizado em *Vigiar e Punir*, explicitando que a disciplina exibe uma maneira específica de punir.

Num momento em que governos ditatoriais estão no poder de muitos países, tais como: China, Venezuela, Cuba, Rússia, Egito, Arábia Saudita, Coreia do Norte, entender quais são as estratégias de opressão exercida por governantes ditadores é importante, visto que essas estratégias podem ser reconhecidas e combatidas por aqueles sabedores de como agem os opressores para se manterem com poder e no poder. Desse modo, esse estudo literário distópico traz em seu corpus a conversa entre as ações opressoras e as formas de obediência seguidas pelos oprimidos e, para explicar as estratégias de vigiar e de punir também presentes em governos opressores, as ações das personagens no *O Conto da Aia* são evidenciadas e analisadas com o suporte teórico apresentado por Michael Foucault.

O trabalho está dividido em três capítulos. O **Capítulo I** apresenta a biografia da escritora canadense Margaret Atwood; o sucesso de *O Conto da Aia*; o resumo da obra e o conceito de distopia. O **Capítulo II** discute o conceito de língua e de linguagem. O **Capítulo III** apresenta o significado de silenciamento.

Então, apresenta-se a **Metodologia da Pesquisa**, seguida das **Considerações Finais e Referências Bibliográficas**.

1 A escritora: Margaret Atwood

Neste capítulo será apresentada uma breve história da vida da escritora, Margaret Atwood, do seu nascimento ao seu atual sucesso devido à obra *O Conto da Aia*, cuja síntese será apresentada, bem como o conceito de romance distópico, gênero no qual a obra está inserida.

1.1 Biografia de Margaret Atwood

Margaret Atwood nasceu em 1939 em Ottawa, capital do Canadá, porém, devida às pesquisas de seu pai entomologista¹, cresceu no norte do país, bem como, teve contado com outras culturas como os Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha e França.

De acordo com Amy Tikkane², Atwood iniciou os seus escritos aos cinco anos e após concluir seus estudos na Universidade de Toronto, dedicou-se com mais energia a sua escrita. Posteriormente, obteve seu mestrado em Literatura Inglesa na *Radcliffe College*³ em 1962, aos 23 anos. Inicialmente, escreveu uma coleção de poesia, mas sua bibliografia é extensa, com romances, ficção curta, livros infantis, novelas gráficas, não-ficção, ficção, roteiros de televisão, entre outros.

Segundo o seu *website*⁴, Atwood passou muitos anos de sua vida no universo acadêmico, como professora de Inglês na Universidade da Colúmbia Britânica, instrutora de Inglês em *Sir George Williams University* em Montreal, professora assistente de Inglês na Universidade de York e escritora residente na Universidade de Toronto. Ao longo de sua extensa carreira, Margaret Atwood teve algumas de suas obras adaptadas ao teatro, à ópera, à minissérie de TV e à série de *streaming*. Também foi reconhecida internacionalmente pelo seu trabalho por meio de prêmios e diplomas honorários, tais como o prêmio *PEN Pinter* em 2016 pelo ativismo político presente em suas obras, ainda

¹ Cientista que estuda os insetos.

² Gerente de correções pela Encyclopaedia Britannica.

³ Instituição de Ensino Superior vinculada à Universidade de Harvard nos Estados Unidos.

⁴ Disponível em <http://margaretatwood.ca/biography/>. Acesso em 06 nov. 2019.

recentemente, em outubro de 2019, foi nomeada pela rainha Elizabeth do Reino Unido ao *Companion of Honor*⁵, destacando que recebeu um dos mais importantes prêmios literários do mundo⁶, rompendo com as regras do *Booker Prize*, que premiou duas escritoras neste ano de 2019, tornando Atwood, aos 79 anos, a escritora mais velha a receber o prêmio.

1.1.1 O sucesso da obra: *O conto da aia*



Figura 1. Capa do livro *O conto da aia*.

A obra mais prestigiada de Margaret Atwood, *O Conto da Aia*, foi lançada em 1985, adaptada para o cinema em 1990 e adaptada para ópera em 2000, porém, após o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump⁷ ter sido eleito, aumentou a procura por obras distópicas e, assim, a obra ganhou repercussão nas mídias, tornando-se símbolo de protesto contra o conservadorismo autoritário.

⁵ Companheiros de Honra; prêmio de reconhecimento a sua vasta contribuição à Literatura.

⁶ Disponível em <https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/booker-prize-premia-2-escritoras-margaret-atwood-e-bernardine-evaristo/>. Acesso em 06 nov. 2019.

⁷ Disponível em https://www.huffpostbrasil.com/2017/05/31/por-que-todo-mundo-esta-falando-tando-sobre-o-conto-da-aia_a_22119483/. Acesso em 06 nov. 2019.

Em 2017, a obra foi adaptada para o serviço de *streaming Hulu*⁸, tornando-se um sucesso e vencedora de onze prêmios *Emmy* pela primeira temporada, como o prêmio de melhor série dramática. Em decorrência desse destaque, a série foi confirmada para a sua quarta temporada. Assim, como consequência, do atual e estrondoso sucesso de vendas, que somou oito milhões de cópias vendidas no mundo apenas na sua versão original⁹, a obra literária de Margaret Atwood ganhou sua sequência em 2019, 34 anos após o seu lançamento, com o título de *The Testaments*¹⁰.

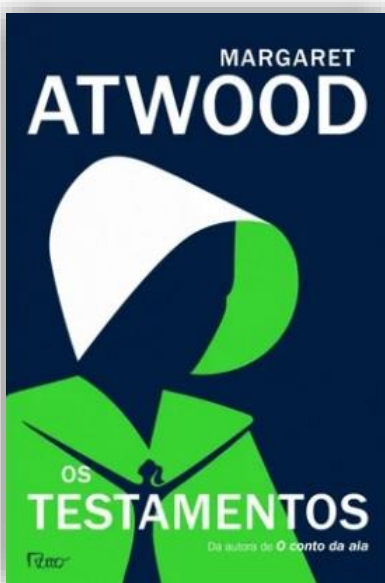


Figura 2. Capa do livro de continuação.

1.1.2 Resumo da obra: *O conto da aia*

O Conto da Aia é um romance distópico e é narrado a partir do olhar subjetivo da protagonista, que na obra não tem seu nome revelado, pois após os Estados Unidos serem dominados por um governo teocrático fundamentalista cristão, foi instaurada a República de Gilead, na qual as mulheres perderam seus direitos e também perderam seus nomes, sendo

⁸ Oferece acesso a programas ao vivo, *on-demand* e filmes e séries originais.

⁹ Os Testamentos, em português, lançado em novembro de 2019 no Brasil.

¹⁰ Disponível em <https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/depois-de-34-anos-margaret-atwood-apresenta-sequencia-de-o-conto-da-aia/>. Acesso em 06 nov. 2019.

chamadas pela preposição “Of” e o nome do comandante, do alto escalão desse governo, que a possuía, como, por exemplo, a protagonista: *Offred*, que significa “de Fred”, e a protagonista deixa isso claro ao revelar: “[...] Meu nome não é Offred, tenho outro nome que ninguém usa porque é proibido”. (ATWOOD, 2017, p. 103)

Na obra, a protagonista relata a construção de *Gilead* a partir da tomada de poder, sem que ninguém soubesse com antecedência: “Foi depois da catástrofe, quando mataram a tiros o presidente e metralharam o Congresso, e o exército declarou um estado de emergência.” (ATWOOD, 2017, p. 208) Em seguida o governo começou a eliminar os direitos básicos, como o direito à liberdade de expressão e o direito de ir e vir:

Foi então que suspenderam a Constituição. Disseram que seria temporário. (...) As coisas continuaram naquele estado de animação suspensa durante semanas. (...) Os jornais foram censurados e alguns foram fechados, por motivo de segurança, disseram. As barreiras nas estradas começaram a aparecer. (...) Eles diziam que novas eleições seriam realizadas, mas que levaria algum tempo para prepará-las. A coisa certa a fazer, diziam, era continuar como de costume. (ATWOOD, 2017, p. 208)

Foi a partir desse cenário, que a protagonista narrou a proibição dos direitos, especialmente, das mulheres ao tentar comprar cigarros e ter o seu número dado como inválido e em seguida ter sido dispensada de seu trabalho, assim como todas as outras mulheres: “por volta das duas horas, depois do almoço, o diretor entrou na sala de transcrição para disquetes. (...) Vou ter que dispensar vocês, disse ele, é a lei, tenho que cumprir”. (ATWOOD, 2017, p. 211). Com suas contas bancárias bloqueadas e sem seus empregos, as mulheres foram levadas ao que antes havia sido um ginásio esportivo, no, então, conhecido Centro Vermelho, onde eram supervisionadas por outras mulheres: “[...] Tia¹¹ Sara e Tia Elizabeth patrulhavam; tinham agulhões elétricos de tocar gado suspensos por tiras de seus cintos de couro”. (ATWOOD, 2017, p. 12). No entanto, ainda que seja apresentado um elemento de poder dessas mulheres, nem mesmo as tias, que se identificavam com o governo: “pensem nisso como servir ao exército, dizia Tia Lydia” (ATWOOD, 2017, p. 15) não eram imunes ao domínio majoritariamente masculino do governo de *Gilead*, pelo contrário, eram instrumentos de uso para exercer

¹¹ Mulheres que tinham a responsabilidade de fiscalizar e controlar as aias.

controle, prova disso é o seguinte trecho: “não tinham armas de fogo, porém, nem mesmo elas mereciam confiança para portar armas de fogo. As armas eram para os guardas”. (ATWOOD, 2017, p. 12). Dessa forma, é possível identificar que o governo opressor da República de Gilead não seria tão forte senão fosse a dialética do oprimido tornar-se o opressor (BEAUVOIR, 1970, p. 244)



Figura 3. Representação das vestimentas das Tias e do aguilhão.

Por sua vez, as aias foram separadas de suas famílias e forçadas a servirem ao alto escalão do governo, aos comandantes, após o aumento da baixa natalidade ocasionada pelo crescimento da infertilidade devida à devastação causada pela radiação e por uma guerra em andamento. Assim, as aias têm uma única finalidade: procriar. E para isso, foi estabelecido como lei neste governo um estupro ritualizado e intitulado como “Cerimônia”, como narra a protagonista: “a Cerimônia se desenrola como de hábito. Deito-me de barriga para cima, completamente vestida, exceto pelos amplos calções de algodão”. (ATWOOD, 2017, p. 114). As esposas dos comandantes participam do ritual:

Acima de mim, em direção à cabeceira da cama, Serena Joy está posicionada, estendida. Suas pernas estão abertas, deito-me entre elas, minha cabeça sobre sua barriga, seu osso púbico sob a base de meu crânio, suas coxas uma de cada lado de mim. Ela também está completamente vestida. Meus braços estão levantados; ela segura minhas mãos, cada uma das minhas numa das dela. (ATWOOD, 2017, p. 114)



Figura 4. Cena do episódio *The Last Ceremony* da série *The Handmaid's Tale*.

No entanto, até mesmo essas mulheres, esposas dos comandantes e, portanto, pertencentes a um grupo superior, se assemelham às aias, pois não tinham voz para oporem a esse governo, ainda que algumas, como a Serena Joy, tivessem participado da sua constituição:

Serena Joy solta minhas mãos. - Você pode se levantar agora – diz ela. – Levante e saia daqui. (...) Há repugnância em sua voz, como se o toque de minha carne lhe desse náuseas e a contaminasse. (...) Para qual de nós duas é pior, para ela ou para mim? (ATWOOD, 2017, p. 116 e 117)

Assim, as aias após engravidarem eram enviadas para darem filhos a outras famílias: “Janine terá permissão para amamentar o bebê, durante alguns meses, elas acreditam em leite materno. Depois será transferida, para ver se consegue fazer de novo.” (ATWOOD, 2017, p. 154) Portanto, novamente tinham seus filhos retirados, e seus corpos facilmente violados e punidos a qualquer descumprimento da lei estabelecida:

Elas a levaram para a sala que costumava ser o laboratório de ciências. Era uma sala onde nenhuma de nós entrava voluntariamente. Depois ela ficou sem poder andar durante uma semana, seus pés não entravam nos sapatos, estavam inchados demais. Eram nos pés que batiam, em caso de primeira ofensa. Usavam cabos de fios de aço, com as pontas destorcidas. Depois disso eram as mãos. Elas não se importavam com o que fizessem com os seus pés e mãos, mesmo se fosse permanente. Lembre-se, dizia Tia Lydia. Para nossos objetivos seus pés e suas mãos não são essenciais. (ATWOOD, 2017, p. 112)



Figura 5. Ilustração das aias.

Afinal, as aias eram vistas apenas como receptáculos e: “[...] somente as entranhas de nossos corpos é que são consideradas importantes”. (ATWOOD, 2017, p. 118).

No entanto, ainda que em primeiro plano a questão feminina seja um destaque durante a narrativa, é importante frisar que se trata de um cenário construído por um governo teocrático fundamentalista e que, portanto, pode ser definido por ações políticas, jurídicas, de conduta moral e ética, além da força policial¹², que na obra estão baseadas na forma literal da Bíblia. Assim, para a manutenção do poder disciplinador desse governo, os elementos de vigilância e punição são essenciais para a repressão e o controle social, a fim de inibir a articulação de grupos de resistência:

Há um interprete, vestindo o terno azul e gravata estampada vermelha padronizados, com o olho alado no alfinete da gravata. [...] – Com licença – diz ele para nós duas, muito educadamente. – Eles estão perguntando se podem tirar fotografia. Baixo o olhar para a calçada, sacudo a cabeça para sinalizar Não. O que eles devem ver é apenas as abas brancas, um pedacinho de rosto, meu queixo e parte de minha boca. Não os olhos. Não sou estúpida de encarar de frente o interprete. A maioria dos interpretes são Olhos¹³ ou pelo menos é o que dizem. (ATWOOD, 2017, p. 40)

Dessa forma, é possível perceber que as aias eram constantemente vigiadas e por diferentes pessoas, que ocupavam diferentes posições na República de Gilead.

¹² Disponível em <https://www.significados.com.br/estado-teocratico/>. Acesso em 10 nov. 2019.

¹³ Homens infiltrados na República de Gilead com a função de vigiar, especialmente, as aias.

1.1.3 O romance distópico

A compreensão do termo distopia só é possível a partir do termo utopia, originário do grego e que significa “lugar que não existe”.¹⁴ Para Eduardo Galeano:

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo, dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar. (GALEANO, 2001, p. 230)

Portanto, é possível compreender a utopia como um projeto inalcançável do imaginário, pois não é estático, enquanto a distopia é, de acordo com o dicionário, um substantivo feminino, que significa “lugar hipotético onde se vive sob sistemas opressores, autoritários, de privação, perda ou desespero”¹⁵, se contrapondo à utopia, que é a ideia de um lugar ideal e de harmonia entre todos os indivíduos. Portanto, a literatura distópica é:

Especificamente a literatura que se posiciona em direção oposta ao pensamento utópico, alertando contra as potenciais consequências negativas do utopismo. Ao mesmo tempo, a literatura distópica genericamente se constitui também por uma crítica às condições sociais ou sistemas políticos existentes, seja através de um exame crítico das premissas utópicas sobre os quais essas condições e sistemas são baseados ou através das possibilidades imaginativas dessas condições e sistemas dentro de diferentes contextos que revelam claramente suas falhas e contradições. (BOOKER, 1994, p. 03, apud KOPP, 2011, p. 54)

E foi exatamente sob essa perspectiva que Margaret Atwood (2017) escreveu o romance distópico *O Conto da Aia*, ao revelar que:

Uma das minhas regras é que eu não colocaria no livro nada que já não houvesse acontecido, no que James Joyce chamou de o ‘pesadelo’ da história, nem nenhuma tecnologia que não estivesse disponível. Nenhum dispositivo imaginário, nenhuma lei imaginária, nenhuma atrocidade imaginária. Dizem que Deus está nos detalhes. O diabo também está¹⁶.

¹⁴ Disponível em: <http://hdl.handle.net/10923/2085>. Acesso em 12 de nov. 2019.

¹⁵ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/distopia/>. Acesso em 12 de nov. 2019.

¹⁶ Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/11/28/Quais-os-fatos-reais-que-inspiraram-The-Handmaid%E2%80%99s-Tale>. Acesso em 12 de nov. 2019.

Uma característica das distopias é a crítica exagerada por meio de uma representação, portanto, uma ficção, ao governo vigente, ou seja, há um cenário de extremo pessimismo e de uma realidade agravada. Porém, é importante frisar que ambas partem de uma ideia de sociedade ideal, mas com valores morais e éticos distintos para cada grupo específico, portanto, a utopia para um homem pode ser a distopia para o outro (RODRIGUES, 2015, p. 16), como exemplificado em um trecho do romance em questão durante uma conversa da narradora protagonista com Fred, o comandante:

Estou interessado em sua opinião. Você é bastante inteligente, deve ter uma opinião. A respeito de quê?, digo. Do que nós fizemos, diz ele. De como as coisas se resolveram. (...) Eu não tenho nenhuma opinião digo. (...) Não se pode fazer uma omelete sem quebrar os ovos, é o que diz, pensamos que faríamos melhor. Melhor?, digo, em voz baixa, apagada. Como ele pode pensar que isto é melhor? Melhor nunca significa melhor para todo mundo, diz ele. Sempre significa pior, para alguns. (ATWOOD, 2017, p. 250)

Em conteúdo publicado por Margaret Atwood, ao *The New York Times*¹⁷, a autora respondeu a pergunta de que seu romance seria uma previsão do futuro, e descrente com a possibilidade respondeu, em tradução livre, que se pode dizer que seja uma anti-previsão, afinal, se o futuro pode ser descrito com detalhes, então, talvez, possa não acontecer.

2. A linguagem do poder disciplinar: Michel Foucault

Neste capítulo será tratada a linguagem de forma introdutória e em seu amplo sentido e será tratada também a manifestação do poder disciplinar do filósofo francês Michel Foucault.

2. 1 Linguagem

Como ponto de partida para o que é, afinal, a linguagem, é preciso primeiro desassociar com o recorrente engano de que a linguagem e a língua são equivalentes, quando na verdade são conceitos distintos, mas que, entretanto, são interdependentes.

¹⁷ https://www.nytimes.com/2017/03/10/books/review/margaret-atwood-handmaids-tale-age-of-trump.html?_r=1. Acesso em 11 nov. 2019

[...] o uso da língua que falamos, e da qual fazemos uso para escrever, é a nossa língua nativa, materna ou pátria, como costuma ser chamada, e tendemos a desaperceber de que não é a única e exclusiva forma de linguagem, que somos capazes de produzir, criar, reproduzir, transformar e consumir, ou seja, ver-ouvir-ler para que possamos nos comunicar uns com os outros. (SANTAELLA, 2006, p. 10)

A língua se refere ao objeto de estudo da ciência da linguagem verbal, a Linguística, enquanto o objeto de estudo da Semiótica, outra ciência da linguagem, refere-se à linguagem não-verbal, que são os signos. Segundo Santaella (2006) a dominância da língua impede a tomada de consciência sobre a pluralidade de linguagens que utilizamos para que haja efetiva comunicação.

[...] nos comunicamos também através da leitura e/ou produção de formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos; que somos também leitores e/ou produtores de dimensões e direções de linhas, traços, cores... Enfim, também nos comunicamos e nos orientamos através de imagens, gráficos, sinais, setas, números, luzes... Através de objetos, sons musicais, gestos, expressões, cheiro e tato, através do olhar, do sentir e do apalpar. (SANTAELLA, 2006, p. 10)

Nesse sentido, é possível encontrar muitos signos da linguagem não verbal no romance *O Conto da Aia* como, por exemplo, as roupas das aias e “as toucas brancas também (...) são destinadas a nos impedir de ver e também de sermos vistas” (ATWOOD, 2017, p. 16) e, portanto, desempenham a função de vigilância constantemente presente na obra. Há ainda o poder de vigiar expressos nas próprias aias “[...] A verdade é que ela é minha espiã, como eu sou a dela. Se alguma de nós duas escapulir da rede por causa de alguma coisa que aconteça, em uma das nossas caminhadas diárias, a outra será responsável” (ATWOOD, 2017, p. 29). Nesse caso não eram apenas usadas para vigiar umas as outras, mas também para serem punidas caso algo acontecesse com uma delas, tornando-se, assim, um exemplo. Afinal, segundo Foucault (2014), a dor da lembrança pode impedir a reincidência (p. 93).



Figura 6. Ilustração das aias caminhando juntas próximas ao Muro.

Dessa forma, é possível distinguir o conceito de língua e o conceito de linguagem e perceber que existem muitas formas de transmitir informações e significados na comunicação humana. Para isso, Santaella apresenta a linguagem para as práticas sociais, a fim de considerar que:

[...] todo fenômeno de cultura só funciona culturalmente porque é também um fenômeno de comunicação, e considerando-se que esses fenômenos só comunicam porque se estruturam como linguagem, pode-se concluir que todo e qualquer fato cultural, toda e qualquer atividade ou prática social constituem-se como práticas significantes, isto é, práticas de produção de linguagem e de sentido. (SANTAELLA, 2006, p. 12)

Por consequência, entende-se por linguagem uma complexa gama de significados, que buscam, principalmente, compreender a interpretação dos seres humanos aos meios que os cercam.

2.2 Poder disciplinar: Vigiar e punir

Vigiar e Punir: nascimento da prisão, publicado originalmente em 1975, pelo filósofo francês Michel Foucault, é uma obra monumental sobre a evolução histórica da legislação penal e os métodos e meios coercitivos e punitivos adotados pela repressão da delinquência. Para a documentação desse estudo científico, o autor dividiu a obra em quatro partes. A primeira parte trata-se sobre o suplício dos corpos, que em relação à vítima:

[...] ele deve ser marcante: destina-se, ou pela cicatriz que deixa no corpo, ou pela ostentação de que se acompanha, a tornar infame aquele que é sua vítima; o suplício, mesmo se tem como função “purgar” o crime, não reconcilia; traça em torno, ou melhor, sobre o próprio corpo do condenado sinais que não devem se apagar; a memória dos homens, em todo caso, guardará a lembrança da exposição (...) devidamente constatados. (FOUCAULT, 2014, p. 37)

O objetivo da organização e do espetáculo das penas era de manifestar o poder das punições, visando expor a força soberana, que não poderia pertencer de forma alguma ao povo e também restaurar a soberania lesada por algum momento pela delinquência do criminoso. A crueldade exercida e explicitada durante os suplícios esboçava a promessa do perdão, pois, segundo Foucault (2014, p. 67) “se o condenado era mostrado arrependido, aceitando o veredicto, pedindo perdão a Deus e aos homens por seus crimes, era visto purificado; morria, à sua maneira, como um santo”.

O ritual do suplício e seu caráter de expurgação são identificados no romance *O Conto da Aia* com a denominação de “Salvamentos”, sendo organizados para homens e não tão frequentemente para mulheres, porém aconteciam em momentos diferentes devido a decorrente segregação entre os gêneros. No seguinte trecho a protagonista narra um “Salvamento” de mulher:

Isto é um Salvamento de distrito, só para mulheres. (...) Eles nos avisam somente na véspera. Não é tempo suficiente, para se habituar com o fato. (...) Seguimos em fila pelo amplo gramado em frente ao que costumava ser a biblioteca. (...) Há um palco de madeira erigido no gramado, um tanto parecido com o que usavam a cada primavera para a cerimônia de formatura, no tempo de antes. (...) Mas esse palco não é o mesmo afinal, por causa dos três travessões de madeira que se erguem nele, com as cordas com nós corrediços e laçadas. (...) Na frente do palco há um microfone; a câmera de televisão está posicionada discretamente afastada para o lado. (...) No palco, à esquerda, estão aquelas que serão submetidas ao Salvamento: duas aias e uma Esposa. (ATWOOD, 2017, p. 321 e 322)

A narradora deixa claro que não queria estar contando essa história, que ela e todo o seu distrito presenciou, mas continua:

“Agora a procissão oficial está se aproximando do palco, subindo os degraus à direita: três mulheres, uma Tia na frente, duas Salvadoras com seus capuzes e capas pretos um passo atrás dela. (...) Tia Lydia se levanta, alisa a saia com as duas mãos e avança em direção ao microfone. – Boa tarde, senhoras – diz ela, e há um imediato e ensurdecedor gemido de retorno de som no sistema de alto-falantes. (ATWOOD, 2017, p. 323)

Para a surpresa do público, os crimes pelos quais as prisioneiras foram condenadas, por uma decisão da República de Gilead para conter a constante erupção dos espectadores, não foram detalhados e os Salvamentos prosseguiram sem mais delongas:

“- Ofcharles – anuncia Tia Lydia. (...) Há um sorriso gogue incongruente em sua boca. Um lado de seu rosto se contrai, uma piscadela descoordenada, endereçada à câmara. Eles nunca vão mostrar, é claro, não é transmitido ao vivo. (...) Já assisti a isso antes, o saco branco colocado sobre a cabeça, a mulher ser ajudada a subir no banco alto como se estivesse sendo ajudada a subir a escada de um ônibus, mantida firme no lugar, o laço ajustado com delicadeza ao redor do pescoço, como um traje, o banco chutado para longe. (...) Eu vi os pés chutando e as duas de preto que agora os agarram com firmeza e os puxam para baixo com todo o seu peso. (ATWOOD, 2017, p. 325)

A presença de todo o distrito para assistir o espetáculo de horror dos “Salvamentos” tem relação com os suplícios, que para terem sentido precisavam ter como personagem principal o povo como espectador:

porque é necessário que tenham medo; mas também porque devem ser testemunhas e garantias da punição (...) um suplício escondido é um suplício de privilegiado, e muitas vezes suspeita-se que não se realize em toda a sua severidade. (FOUCAULT, 2014, p. 58)

Nesse sentido, é possível notar que a punição tem como função ser jurídica, política e também disciplinar, pois é a partir da exposição da crueldade da punição que se “instrui” o povo pela violenta intimidação.

A segunda parte do livro, intitulada “punição”, apresenta o abandono aos rituais de corpos supliciados, introduzindo a ideia de “humanidade”, pois os suplícios não eram mais considerados motivos de orgulho, mas de vergonha. Portanto, para essa “reforma”, foi visto que os objetivos eram:

fazer da punição e da repressão das ilegalidades uma função regular, coextensiva à sociedade; não punir menos, mas punir melhor; punir talvez com uma severidade atenuada, mas para punir com mais universalidade e necessidade; inserir mais profundamente no corpo social o poder de punir. (FOUCAULT, 2014, p. 81)

Dessa forma, compreende-se que era preciso estabelecer um controle social que não fosse mais nitidamente visível quanto ao seu poder e para isso era preciso que o poder fosse mais vigilante. Assim, a vida é então repartida de acordo com um horário absolutamente estrito, sob uma vigilância ininterrupta: cada instante do dia é destinado a alguma coisa, prescreve-se um tipo de atividade e implica obrigações e proibições (FOUCAULT, 2014, p. 123), a fim de produzir indivíduos submissos.

No romance *O Conto da Aia*, cada grupo social além de possuir uma função, possuem também obrigações que devem ser realizadas e proibições que devem ser cumpridas. As aias, por exemplo, como já dito antes, tem a obrigação de procriar, de gerar filhos para as famílias dos comandantes, mas também tem como função auxiliar as Marthas, que são as mulheres responsáveis em cozinhar e cuidar da casa das famílias do alto escalão. As aias tem a função de irem ao mercado durante suas caminhadas diárias, mais especificamente duas caminhadas por dia, que é o permitido: [...] não tínhamos permissão para sair, exceto para as caminhadas, duas vezes por dia, duas a duas (...) Os Anjos ficavam postados do lado de fora da cerca, de costas para nós. Eram objetos de medo para nós, mas também algo mais (ATWOOD, 2017, p. 12). Ou seja, todas as personagens da República de Gilead possuem seus papéis sociais, suas obrigações a serem cumpridas sob a constante presença de um poder vigilante e intimidador.



Figura 7. Ilustração dos diferentes grupos sociais presentes na obra.

A terceira parte da obra intitulada “disciplina” apresenta, de forma geral, uma teoria do adestramento, que a partir de artimanhas possibilitam constituir um aparelho social forte e eficiente para a dominação. Para isso, a disciplina apresenta muitas técnicas, atuando na disposição dos indivíduos no espaço. Para Foucault (2014, p. 139) a disciplina, às vezes, exige a cerca, a especificação de um local heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo. E para isso, todos os lugares precisam da disposição de indivíduos e esses dispostos cada um em seu lugar com o objetivo de evitar:

[...] o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa; tática de antideserção, de antivadiagem, de antiaglomeração. Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo (...). Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar. (FOUCAULT, 2014, p. 140)

Em *O Conto da Aia* fica em evidência o ambiente fechado constituído pela República de Gilead pelos muros da cidade como narrado pela protagonista: [...] De vez em quando variamos a rota; não há nada contra isso, desde que nos mantenhamos dentro dos limites das barreiras. Um rato num labirinto está livre para ir a qualquer lugar, desde que permaneça dentro do labirinto (ATWOOD, 2017, p. 198).

E é preciso ainda que os indivíduos se encontrem em alguns momentos de solidão para defrontar-se com a tentação e talvez com a severidade de Deus (FOUCAULT, 2014, p. 141). E por isso, nas noites que não são destinadas a “Cerimônia”, que as aias têm seu tempo livre: “A noite é minha, meu próprio tempo, para eu fazer o que quiser, desde que fique quieta. Desde que não me mexa. Desde que fique deitada quieta” (ATWOOD, 2017, p. 49).

O sucesso dessa máquina de adestramento ocorre, segundo Foucault (2014, p. 167), pelo uso de instrumentos simples, como o olhar hierárquico, que, assim, “fabrica” indivíduos que se constituem como objetos e instrumentos de seu funcionamento. Aliás, funcionamento esse que se exerce de modo invisível, pois os indivíduos são os únicos a serem vistos, afinal, é o fato de serem visto sem cessar, de sempre poderem ser visto, que mantém sujeito o indivíduo disciplinar (FOUCAULT, 2014, p. 183). E é assim que Michel Foucault apresenta em sua obra o modelo panóptico, concebido pelo filósofo e jurista inglês, Jeremy Bentham, em 1785, que se trata de um sistema de construção capaz de permitir um poder onipresente e onisciente. E para isso, o poder disciplinar [...] deve dominar todas as forças que se formam a partir da própria constituição de multiplicidade organizada; deve neutralizar os efeitos de contrapoder que dela nascem e que formam resistência (FOUCAULT, 2014, p. 212).

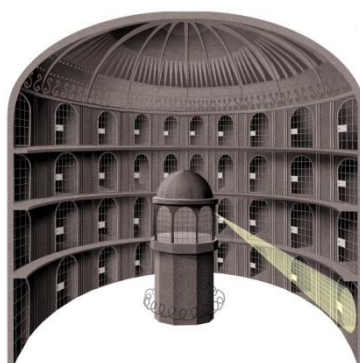


Figura 8. O modelo de construção panóptica

A última parte da obra denominada “prisão”, conclui a linha histórica do nascimento das prisões, elucidando o funcionamento do sistema prisional.

A prisão, local de execução de pena, é ao mesmo tempo local de observação dos indivíduos punidos. Em dois sentidos. Vigilância, é claro. Mas também conhecimento de cada detento, de seu comportamento, de suas disposições profundas, de sua progressiva melhora; as prisões devem ser concebidas como um local de formação para um saber clínico sobre os condenados. (FOUCAULT, 2014, p. 242)

Nesse sentido, é apreciável a representação da prisão na República de Gilead, pois a partir do espaço fechado, construído sob a perspectiva de um poder onipresente e onisciente, que principalmente as aias não sabem de onde se direciona e nem por quem se encaminha, é possível dentro do sistema reconhecer mudanças de comportamento e rapidamente advertir. No entanto, pela dificuldade de se estruturarem diante desse forte sistema opressor, as aias se mostram ordeiras e calmas (ATWOOD, 2017, p. 339).

Desse modo, após a rejeição aos suplícios, o espetáculo da crueldade, foi arquitetado um novo sistema, o sistema prisional, que não visava mais a punição pelo corpo, mas pela alma e para isso constituía em elementos de intimidação, economia dos direitos, obrigações e proibições, porque se entende que a supressão da liberdade em conjunto com a solidão propícia a totalidade do poder disciplinar, considerando que o isolamento está a serviço da submissão. E visto que, o funcionamento da máquina disciplinadora não é visível, portanto, não é claro, é preciso que os indivíduos interpretem os signos e atribuam significados para essa manifestação autoritária e fortemente ideológica.

3. O silenciamento

Neste capítulo final será apresentado o significado de silêncio e de silenciamento, a fim de relacioná-los com a linguagem, com o poder disciplinar, que como visto anteriormente não é visível e, portanto, não é objetivo, e relacioná-los ainda com as aias.

3.1 O silenciamento no poder disciplinar

A palavra silêncio advém do latim e significa “ato de estar quieto”, “ficar quieto, evitar ruído”¹⁸ e assim como o silenciamento, palavra derivada do verbo silenciar, trata-se do que não pode ser dito e, conseqüentemente, não pode ser ouvido. Enquanto um substantivo que representa seu antônimo, tal como falar ou proferir, que se trata do dizível e, portanto, se estabelece enquanto língua, pois pode ser escrita ou verbalizada e ainda possui significado, o silenciamento trata-se do que não é dizível e para ganhar significado precisa obrigatoriamente passar pelo caminho da linguagem. Ou seja, o seu significado é atribuído a partir da subjetividade e do contexto em que a falta de ruído se manifesta. E uma das maneiras do silêncio se fazer presente é por meio dos corpos dóceis (FOUCAULT, 2014), submissos e úteis.

A obra *Pode o subalterno falar?* (2010) da teórica indiana, Gayatri Chakravorty Spivak, reflete sobre a dificuldade dos silenciados em se expressarem diante de um poder opressor, que impede o desenvolvimento das camadas da sociedade mais vulneráveis como, por exemplo, as mulheres, como afirmam Souza e Manguiera (2018, p. 02, apud SILVA, 2019, p. 26):

esta noção presente na cultura patriarcal está vinculada às mais diversas sociedades, acaba por reforçar uma suposta inferioridade da mulher perante o homem, dando a entender que elas não são capazes de pensar por si mesmas, tampouco de agir com razão.

Assim, é possível observar que a estrutura do governo instituída em Gilead, que diz que Deus é o centro de suas leis, tem na verdade a figura do homem como representante supremo e, portanto, patriarcal e opressor não

¹⁸ Disponível em <https://origemdapalavra.com.br/pergunta/silencio/>. Acesso em 24 nov. 2019.

apenas das aias, que são a representação do grau máximo de opressão, mas de todas as mulheres dessa sociedade.

Aprendi a viver sem uma porção de coisas. Quando temos muitas coisas, dizia Tia Lydia, nos tornamos apegados a este mundo material e nos esquecemos dos valores espirituais. Vocês devem cultivar a pobreza de espírito. Abençoados os mansos. Ela não prosseguiu para não dizer nada a respeito de herdarem a terra. (ATWOOD, 2017, p. 79)

As aias são retiradas de suas famílias, são obrigadas a procriar em um estupro ritualizado, no qual ao engravidarem terão seus filhos retirados mais uma vez, tem seus direitos e liberdade anulados e dessa maneira, é percebida a relação de opressão, de controle e de punição, sabido que se não forem obedientes, ou seja, se não forem corpos dóceis, serão violentamente punidas. Como resultado dessa forte opressão e intimidação por meio das proibições e punições públicas, as aias aprendem a se silenciar de todas as formas, a serem disciplinadas, cumprindo o que a elas é determinado e, portanto, têm dificuldade para se organizarem como resistência a esse poder intimidador.

4. Metodologia

Esse trabalho é um estudo bibliográfico, no qual é analisada a obra *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood, que apesar de ser uma ficção distópica, baseia-se em fatos reais, reproduzindo ações que foram e ainda são utilizadas, principalmente pelos poderes totalitários. Para encontrar a base teórica desse trabalho foram selecionados aleatoriamente trechos da obra, de forma que estivessem presentes no começo, meio e fim da obra. Esses trechos foram elencados em um quadro (vide anexo A), e as palavras e/ou frases em destaque na cor laranja foram aquelas que continham ações de vigiar e as palavras e/ou orações em destaque na cor vermelha foram aquelas que continham ações de punir. A partir das palavras elencadas e com as colorações evidenciadas, que distinguiam o vigiar do punir, pode-se, então, selecionar os trechos da obra literária que conversariam com as teorias propostas por Michael Foucault sobre o que seja vigiar e o que seja punir.

A metodologia aqui pode servir para que novas pesquisas que pretendam utilizar das teorias de estudos da linguagem, mais especificamente do levantamento de dados linguísticos, tenham aqui um exemplo de como podem proceder para fazer uma conversa interdisciplinar entre Literatura e Linguística Aplicada, com vista a uma análise literária com auxílio das teoria de estudos linguísticos aplicados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho foi proposto para a análise de *O Conto da Aia*, tendo destaque nas ações e manobras do poder disciplinar sob a perspectiva do filósofo Michel Foucault em seu estudo *Vigiar e Punir*. Primeiramente, foi apresentada uma breve biografia da autora do romance distópico, Margaret Atwood, uma síntese de seu sucesso, um resumo da obra e também o conceito de distopia, gênero em que a obra está inserida. Em seguida, foram apresentadas as bases teóricas desse trabalho, sendo o estudo de Michel Foucault elemento fundamental para a realização deste.

Margaret Atwood, escritora canadense, construiu uma narrativa fictícia e distópica a partir de acontecimentos reais que fizeram parte da história da humanidade em algum momento e em algum lugar – e que ainda estão presentes em alguns lugares em medidas iguais ou menores as apresentadas pela escritora. Dessa maneira, foi feita a análise de um poder vigilante e punitivo a fim de alertar sobre as estratégias daqueles que são os opressores e que usam de proibições, anulações dos direitos e, principalmente, de silenciamento de um ou mais grupos que são fortemente intimidados e oprimidos para que sejam instrumentos e objetos de uma máquina disciplinadora e ainda para que sejam exemplos aos demais para que não desobedeçam ordens dos ditadores.

A análise apresentada neste trabalho busca levantar reflexões sobre a importância da leitura de obras ficcionais e, principalmente, distópicas, visando despertar a capacidade de identificações de ações presentes na sociedade, assim como as ações disciplinadoras nas relações dos sujeitos, que atuam um sob os outros, estabelecendo, assim, relações de poder, visando o controle e conseqüentemente o silenciamento para que esse sistema se perpetue. Esse tipo de ação punitiva e de silenciamento pode ser percebido em várias esferas sociais, tais como em sociedades de trabalho, com o que é nomeado de Assédio Moral no Trabalho. Ainda podemos perceber ações de punição e de vigilância em ambientes educacionais, ora com alunos que praticam *bullying*, ora com alunos que se silenciam como resposta à opressão que podem estar sofrendo dentro ou fora da escola. Desse modo, entender o que faz um opressor é ao mesmo tempo se proteger assim que se perceber diante de

alguém que age de modo a intimidar, silenciar, vigiar e que pune com ações que não são sempre de violência física, mas também podem ser de violência psicológica. Essa visão não ingênua sobre a capacidade de ações de mal que o ser humano pode realizar pode ser uma forma de se fortalecer para não ser a vítima do opressor, ou, sendo ou percebendo alguém sendo oprimido, possa tomar partido em defesa daquele que é vitimizado pelo opressor.

Para minha formação enquanto professora, este trabalho de pesquisa trouxe o olhar de quem deseja buscar ou estar atenta para ações que possam ser prejudiciais a mim e/ou aos meus alunos. Assim, ao identificar ações opressoras, eu possa reagir em defesa daquele que sofre, ou possa me defender de quem deseja sob algum pretexto, vigiar-me para punir-me, como acontece a professores em tempos de ditadura.

Esta pesquisa também contribui para minha formação pessoal visto que o mal está em toda sociedade e saber identificá-lo é uma forma de também proteger-me.

Este trabalho não se encerra aqui. Outras pesquisas podem ser feitas buscando ações de vigiar e punir em discursos que permeiam as sociedades, sejam elas de instituições governamentais ou religiosas; ou ainda sociedades menores, como a familiar, por exemplo. Desse modo, essa pesquisa não se encerra aqui, visto que outras possibilidades de realizar a mesma análise pode ser feita em muitos contextos ou textos diversos.

REFERÊNCIAS

2011. 278 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10923/2085>>. Acesso em: 12 nov. 2019.
- ATWOOD, Margaret Eleanor. **O Conto da Aia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017. Tradução de Ana Deiró.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: A experiência vivida. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: Nascimento da prisão. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. Tradução de Raquel Ramallete.
- GALEANO, Eduardo. **Las Palabras Andantes**. 5. ed. Buenos Aires: Catálogos, 2001.
- KOPP, Rudinei. COMUNICAÇÃO E MÍDIA NA LITERATURA DISTÓPICA DE MEADOS DO SÉCULO 20:: Zamiatin, Huxley, Orwell, Vonnegut e Bradbury.
- RODRIGUES, Paula Martins. A Narrativa Distópica Juvenil: um estudo sobre Jogos Vorazes e Divergente. 2015. 92 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10923/7355>>. Acesso em: 12 nov. 2019.
- SANTAELLA, Lúcia. O que é semiótica. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.
- SILVA, P. B. O que o silenciamento não pode apagar as lembranças nos faz recordar: relações de submissão e poder no romance O conto da Aia. 2019. 37f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)- Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2019. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/20025>>. Acesso em 24 nov. 2019.

ANEXO A

<p>“Acima de nós, eu sei, existem holofotes, presos aos postes telefônicos, para serem usados em emergências, e há homens com metralhadoras nos abrigos de cimento armado no alto de pilares dos dois lados da estrada. Não vejo as metralhadoras nem os abrigos nos pilares por causa das abas ao redor de meu rosto. Apenas sei que estão lá”. (p. 30)</p>	<p>“Há três novos corpos no Muro. Um é de um padre, ainda vestindo a batina preta (...) Os outros dois tem cartazes púrpura pendurados ao redor do pescoço: Traição por Falsidade de Gênero”. (p. 55)</p>
<p>“As camionetes são sem dúvida mais silenciosas que os outros carros. Quando passam, desviamos os olhos” (p. 32)</p>	<p>“Ontem Dolores molhou o chão. Duas Tias arrastaram-na para fora da sala, com uma das mãos debaixo de cada axila. Ela não apareceu para a caminhada de tarde, mas à noite estava de volta em sua cama habitual. Durante a noite inteira pudemos ouvi-la gemer, de vez em quando”. (p. 89)</p>
<p>“ – Com licença – diz ele para nós duas, muito educadamente. – Eles estão perguntando se podem tirar sua fotografia. Baixo o olho para a calçada, sacudo a cabeça para sinalizar Não. O que eles devem ver é apenas as abras brancas, um pedacinho de rosto, meu queixo e parte de minha boca. Não os olhos. Não sou estúpida de encarar de frente o intérprete. A maioria dos intérpretes são Olhos, ou pelo menos é o que dizem”. (p. 40/41)</p>	<p>“Há uma ligeira névoa de luz, penetrando através das fendas ao redor das cortinas fechadas, da luz do holofote lá fora, onde dois homens sem dúvida fazem rondas de patrulha, já os vi, do alto, de trás das minhas cortinas, formas escuras, recortadas”. (p. 120)</p>
<p>“O Muro também tem centenas de anos de idade ou, pelo menos, mais de cem. Como as calçadas, é de tijolos vermelhos, e em outros tempos deve ter sido simples, mas bonito. Agora, os portões têm sentinelas e há novos holofotes medonhos montados sobre postes de metal acima dele, e arame farpado ao longo da base e cacos de vidro fixados com concreto ao longo do topo”. (p. 44)</p>	<p>“A camionete para, as portas de trás são abertas, o Guardião nos arrebanha para fora. Na porta da frente está postado outro Guardião, com uma daquelas metralhadoras de cano bem curto pendurada ao ombro”. (p. 139)</p>
<p>“Ao lado da entrada do portão principal há</p>	<p>“Vamos à igreja, como de hábito, e olhamos</p>

<p>mais seis corpos pendurados pelo pescoço, com as mãos amarradas na frente, a cabeça enfiada em sacas brancas caídas para o lado sobre o ombro”. (p. 44)</p>	<p>as sepulturas. Depois vamos ao Muro. Só dois pendurados nele hoje: um católico, porém não um padre, com um cartaz com uma cruz de cabeça para baixo, e alguma outra seita que não conheço”. (p. 238)</p>
<p>“Nós paramos, juntas como se atendendo a um sinal e olhamos para os corpos. Não faz mal se olharmos. Espera-se que olhemos: é para isso que estão lá, pendurados no Muro. Às vezes ficam lá expostos por dias a fio, até chegar um novo lote, de modo que o maior número possível de pessoas tenha a oportunidade de vê-los”. (p. 44)</p>	<p>“Bem na nossa frente a camionete para. Dois Olhos, de ternos cinza, saltam pelas portas duplas que se abrem na traseira. Agarram um homem que vem andando paralelamente, um homem com uma maleta, um homem de aparência comum, atiram-no com violência de costas contra a lateral preta da camionete. Ele fica ali por um momento, de braços e pernas abertos, estendido contra o metal como se estivesse colado nele; então um dos Olhos avança para cima dele, faz alguma coisa violenta e brutal que o faz se dobrar sobre si numa trouxa frouxa de pano. Eles o levantam do chão e o atiram para dentro da traseira da camionete como se fosse uma saca de correspondência”. (p. 203/204)</p>
<p>“Esses homens, disseram-nos, são como criminosos de guerra. Não é desculpa o fato de que o que fizeram fosse legal na época. Cometeram atrocidades e devem ser transformados em exemplos, para os outros”. (p. 45)</p>	<p>“Achei que poderia ser o fim para mim. Ou voltar ao Centro e às atenções de Tia Lydia e seu cabo de fios de aço. Ela tinha prazer naquilo, você sabe. Fazia toda aquela encenação com aquele negócio de amar-o-pecador, odiar-o-pecado, mas tinha prazer com aquilo. Pensei seriamente em me matar, e talvez o tivesse feito se tivesse encontrado alguma maneira. Mas eles tinham dois guardas na parte de trás da camionete comigo, me vigiando como falcões; não diziam grande coisa, apenas ficavam sentados ali e me vigiavam com aquele olhar duro e vazio como uma parede que eles têm”. (p. 294)</p>